



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

COMUNICAÇÃO E PEDAGOGIA: A EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO PÓLO DE CAPACITAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA EM SÃO LUÍS - MA¹

Conceição Maria de Moura **NASCIMENTO**
Mestre em Pedagogia Profissional
Universidade Federal do Maranhão

Roseane Arcanjo **PINHEIRO**
Especialista em Metodologia do Ensino Superior
Universidade Federal do Maranhão

Resumo

Trata da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Programa de Saúde da Família (PSF) no Brasil, além de abordar as atividades dos Pólos de Capacitação, Formação e Educação Permanente de Pessoal em Saúde da Família. Apresenta, então, a proposta interdisciplinar do Pólo de Capacitação do Maranhão e as ações conjuntas entre as coordenações de Pedagogia e de Comunicação. Articuladas aos pressupostos paulofreireanos, tais ações objetivam divulgar junto à mídia e sociedade a nova concepção de saúde, baseada na Estratégia Saúde da Família, que considera a mudança do cotidiano do profissional de saúde e do compromisso com a comunidade, a partir da inserção numa realidade social diferente e instigadora. Esse modelo requer abordagens inovadoras junto ao indivíduo, à família e comunidade.

PEDAGOGIA E COMUNICAÇÃO

SAÚDE E MÍDIA

COMUNICAÇÃO E SAÚDE

1 PSF, A CIDADANIA E A SAÚDE DE MÃOS DADAS

“Educar é ensinar o encanto da possibilidade.”

Gilberto Dimenstein

No município de São José de Ribamar, a 31 km de São Luís, com infra-estrutura e saneamento básico deficientes, a enfermeira Maria Gláucia Albuquerque de Souza, bate à porta do senhor José Raimundo, desempregado, que mora num casebre de pau-a-pique de dois cômodos. O acesso é acidentado e os integrantes andam em picadas. Ela está com os demais membros da Equipe de Saúde da Família.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- *Como vai seu Raimundo? Viemos fazer uma nova visita a sua família...*, diz Gláucia, cumprimentando o morador.
- *Podem entrar...*, afirma José Raimundo sorrindo e convidando todos a entrarem na casa.

Por várias vezes, a equipe visitou a família, que padecia com problemas de saúde, mas que está agora recebendo o acompanhamento permanente por parte da Equipe de Saúde da Família.

Esta cena, que se repete em várias cidades do Maranhão, desde a implantação do Programa de Saúde da Família (PSF), em 1994, mostra, na prática, a revolução silenciosa para melhorar os indicadores de saúde no Brasil. A saúde bate à porta e convida para a mudança de hábitos e percepções acerca da saúde pública no País. A equipe - formada por um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e entre quatro a seis agentes comunitários de saúde (ACS) - atende a todos os membros da família, da criança ao idoso.

A Estratégia Saúde da Família (ESF) está consolidando os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), implantado em 1990 e gestado pela mobilização de profissionais e estudantes sanitários, que desencadeou um processo de mudança do modelo assistencial vigente. A concepção de saúde enquanto direito do cidadão é reforçada pela ESF. O atendimento centrado sob a ótica da doença e do hospital é deixado de lado. A nova atuação do profissional de saúde fortalece os vínculos de responsabilidade com a comunidade, firmando o compromisso de mudar aquela realidade a partir do momento em que compartilha o espaço, vivencia os dilemas, se solidariza e propõe mudanças. São levados em conta fatores como renda, saneamento, habitação e cultura. Desta forma os profissionais podem prevenir e tratar as doenças, reiterando Costa Neto (2000, p. 13) quando diz:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

''Uma unidade de Saúde da Família não pode ser apenas um local de triagem encaminhamento, onde a maior dos casos são encaminhados para os serviços especializados. Ela tem que ser resolutiva, com profissionais capazes de assistir aos problemas de saúde mais comuns e de manejar novos saberes que (...) promovam a saúde e previnam doenças em geral.''

O estabelecimento de vínculos e maior responsabilidade entre os profissionais e o paciente requer atenção integral e contínua capacitação para atender a todas as necessidades práticas da população. O suporte para esta nova atuação dos sujeitos envolvidos são os Pólos de Capacitação, Formação e Educação Permanente de Pessoal em Saúde da Família em todo o País, que são os espaços de articulação de uma ou mais instituições voltadas para a formação e educação permanente de recursos humanos em saúde, vinculados às universidades ou instituições de educação superior. Atualmente, existem 30 pólos no País. Entre suas atribuições, estão ofertar treinamento introdutório para equipes de saúde da família, apoiar o processo de acompanhamento e avaliação das equipes; implantar programas de educação permanente destinados aos profissionais da ESF, implantar cursos de especialização em saúde da família e introduzir conteúdos sobre a saúde da família, propondo iniciativas para inovar as grades curriculares dos cursos de graduação.

No Maranhão, o Pólo de Capacitação iniciou suas atividades em 2000, com o apoio da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Departamento de Saúde Pública. Firmou parcerias com a Gerência de Qualidade de Vida/Governo Estadual, o Hospital Universitário Presidente Dutra, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), a UNICEF e o Conselho de Secretários Municipais de Saúde (CONSEMS). O desafio estava posto aos profissionais, auxiliares de



enfermagem, agentes comunitários de saúde e docente da UFMA: mudar o cenário da saúde pública no Estado.

2 A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA NA SAÚDE

A ESF parte do princípio da mudança no cotidiano do profissional de saúde, de uma nova visão da prática, do compromisso com a comunidade, a partir da inserção numa realidade social diferente e instigadora. Este modelo requer abordagens inovadoras junto ao indivíduo, à família e à comunidade, que repensem o modelo anterior, fragmentado, centrado na pessoa de forma isolada, desvinculando-a do contexto social e dos seus valores culturais.

A postura do profissional de saúde levará em conta o sujeito e sua história de vida, valorizando as informações prestadas por ele, que serão essenciais para a prevenção a ser incentivada e o acompanhamento a ser conduzido. A percepção, a partir da ESF, do indivíduo em sua totalidade, agente da mudança em seu cotidiano, em contínua interação com o médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem ou ACS, co-responsáveis na melhoria dos indicadores de saúde, vem de encontro aos pressupostos paulofreireanos na ação pedagógica transformadora. Os saberes do outro – construídos através da prática comunitária – interação, fortificam e produzem, articulados com o meu conjunto de conhecimento, um novo saber que pode ser instrumento de transformação da realidade.

A articulação entre o conhecimento científico e o fruto da experiência social apontam para uma leitura renovada da teoria e prática, reflexão que vale para o trabalhador do setor de saúde, dentro do previsto por Freire (1996, p. 77):

''Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeito, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico.''

A partir da reflexão do educador, colocamos um questionamento: como mostrar que a produção do conhecimento é via de mão dupla para técnicos e profissionais da saúde a fim de que possam acreditar nas ações humanizadas, de alta resolutividade e intersetorialmente articuladas? O modelo que



adotavam, até então, se baseava no enfoque assistencialista e positivista. Então, de que forma incentivar a quebra de paradigmas e o questionamento das certezas profissionais?

Para aprofundarmos o entendimento da relação equipe do PSF e comunidade, que entendemos semelhante ao processo ensino-aprendizagem, tomaremos como base o referencial histórico-cultural, vislumbrando uma nova perspectiva da construção do conhecimento. Para Vygotsky (1984, 1987), as origens da vida e do pensamento estão relacionadas à interação do homem com a estrutura e as formas histórico-sociais. As atitudes e o pensamento do sujeito estão intimamente ligados ao reflexo do mundo exterior sobre o mundo interior do indivíduo.

Conforme esse pesquisador russo, as características humanas são fruto da relação dialética do homem com o meio sociocultural. Assim, quando o ser humano modifica o mundo a sua volta está modificando também a si mesmo. O desenvolvimento mental não é dado *a priori* e nem desvinculado do processo histórico. A cultura é vista enquanto parte constitutiva da natureza humana e, em função da característica psicológica, se dá através da internacionalização dos valores determinados historicamente: *“O verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual.”* (Vygotsky, 1984, p.18).

Para assimilarmos a relação entre aprendizagem e desenvolvimento em Vygotsky (1984, 1987), é imprescindível a compreensão do conceito de zona de desenvolvimento proximal. Parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento pleno do indivíduo depende do aprendizado que tiver em determinado grupo social. É o aprendizado que desencadeia a absorção das características humanas culturalmente determinadas. Esse autor identifica, então, dois níveis de desenvolvimento. Primeiro, o real ou efetivo, que corresponde às funções ou capacidades que a criança já domina e as utiliza sem o auxílio dos adultos. O segundo é o desenvolvimento potencial e as capacidades a serem construídas. Também se refere ao que a criança é capaz de fazer com a ajuda de outra pessoa. Além do desenvolvimento real, aponta outro nível: o proximal ou potencial, o qual precisa ser valorizado na prática pedagógica.



“... podemos dá (sic) conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em formação (...) A zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento...” (Vygotsky, 1984, p. 97-98).

A teoria histórico-cultural pode ser utilizada para a compreensão das práticas formais e não formais de educação. A aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, como sustenta a perspectiva vigotskiana, começam desde o nascimento. Mesmo vindo de fontes diferentes, os conhecimentos adquiridos no cotidiano, chamados de espontâneos, e os construídos na escola, os científicos, se influenciam mutuamente.

Ressaltando que ensinar não é transferir conhecimento, Freire (1996, p. 65) afirma que o educador está sujeito a indagações, curiosidades e inibições dos alunos. Estar envolvido na produção do conhecimento e motivá-los é o principal desafio da caminhada, pois o conhecimento é, além de tudo, testemunhado e construído. *“...exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo os façamos.”* Demo (1993, p. 103), por sua vez, discute o papel do professor no processo de *“aprender a aprender”*: *“precisa centrar-se na competência estimuladora da pesquisa, incentivando com engenho e arte a gestação de sujeitos críticos e autocríticos, participantes e construtivos.”*

Segundo esta postura, cabe à didática construir o contexto de totalização da formação básica, desvelando a realidade histórica, estimulando a compreensão dos processos sociais, construindo e reconstruindo o *“aprender a aprender”*. Retomando Freire (1996, p. 46), vislumbramos a tese da educação libertadora, que eleva a transformação social enquanto propulsora da construção do conhecimento: *“... tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes (...) que tanto professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer.”*



3 A PEDAGOGIA E A COMUNICAÇÃO EM AÇÃO

A proposta inovadora do PSF nos fez repensar a abordagem a ser adotada junto aos profissionais da saúde. Como despertá-los para a nova lógica de atenção à saúde? Quais os instrumentos que poderiam ser utilizados para sensibilizar profissionais, população e demais sujeitos envolvidos no processo de mudança? Desde o início de sua implantação, o Pólo de Capacitação, Formação e Educação Permanente de Pessoal em Saúde da Família, no Maranhão, visou à ação interdisciplinar entre as áreas de saúde, pedagogia e comunicação. Fazem parte deste Pólo, enfermeiros, nutricionistas, bibliotecários, médicos, pedagogos, jornalistas, assistentes sociais e o corpo técnico de apoio.

Qual a tarefa do profissional da comunicação neste contexto? Atuar em conjunto com a Coordenação Pedagógica, na discussão, preparação, divulgação e avaliação do material educativo que propõe o novo modelo de saúde. Os trabalhos começaram, em 2000, a partir da contratação e articulação dos profissionais. Estatísticas, dados, informações, tabelas e pesquisas científicas a respeito de saúde pública são ferramentas essenciais para o trabalho em parceria entre as várias áreas.

O desafio maior reside em levar, através da linguagem diversificada dos meios de comunicação (rádio, televisão, jornal, Internet), as ações de capacitação dos profissionais da saúde feita pela Coordenação Pedagógica, despertando no público o interesse pelo novo modelo de assistência. Outra iniciativa diz respeito à confecção de peças de divulgação sobre o PSF, ressaltando o seu potencial transformador e desencadeador de mudanças nos indicadores de saúde no estado do Maranhão.

As ações de capacitação, realizadas através de treinamentos, seminários, reuniões técnicas e oficinas pedagógicas, partem do princípio da abordagem multidisciplinar, da importância das decisões coletivas, da necessidade de ações mais planejadas e concretizadas sob perspectiva científica, crítica e transformadora, delineando uma percepção no agir, avaliar e planejar o trabalho cotidiano dos profissionais com a intencionalidade de transformar a realidade social.

Durante as oficinas pedagógicas, por exemplo, novas linguagens são utilizadas, como o teatro e a poesia. As atividades incluem exposição oral dialógica, trabalhos em equipe, análise de experiências e discussões em plenária para convocar os profissionais do quadro da UFMA a dialogar com a abordagem proposta pelo PSF. As pedagogas Conceição Moura, Dourivan Câmara e Eliane Pedrosa motivam a auto-avaliação dos profissionais no processo de aprendizagem, que, por sua vez, serão os facilitadores dos conhecimentos junto aos demais membros das equipes do PSF de nível médio. O processo vai envolvendo os docentes, que vão ministrar treinamentos na capital e no interior, atingindo, desta forma, os que estão “na ponta” do PSF: do médico ao ACS, num efeito cascata.



Na opinião de Wesley (1999), o processo de mediação, capitaneada pelo comunicador e sintonizado com o educador, pode ser comparada ao da construção de uma ponte – unindo o conhecido ao desconhecido, proporcionando a informação aos que não tinham acesso a ela ou não compreendiam a relevância daquele acontecimento no dia a dia. Assim, o novo pode instrumentalizar posturas diferenciadas, instigar questionamentos, mudar a opinião da sociedade a partir da informação:

“O conhecimento é, conseqüentemente, uma via de libertação de qualquer opressão. Se o processo educativo reproduz na Escola as relações arbitrárias da sociedade, não é libertador (...). Uma educação, propondo-se libertadora, discute os benefícios e prejuízos desse quadro para superá-lo.” (Wesley, 1999, p.16).

Vislumbrando informar/educar, as ações articuladas resultaram em atividades para disseminação dos objetivos do Pólo de Capacitação. O primeiro passo foi a elaboração de vídeo institucional, contextualizando a implementação do SUS, no Brasil, e a inserção do Maranhão no PSF. Com duração de aproximadamente 20 minutos, contém depoimentos de profissionais que atuam no Programa, moradores das comunidades atendidas, coordenadores, alunos do Curso de Especialização em Saúde da Família, professores, representantes do Governo do Estado e da UFMA. Outro instrumento são as peças impressas *Abra a porta que a saúde vem aí*, que expõe os objetivos e as capacitações realizadas pelo órgão, além do Curso de Especialização em Saúde da Família, folhetos e *outdoors*. Esta última campanha divulgou a especialização destinada aos profissionais do interior.

Outro instrumento de divulgação do Pólo é a *home page* (www.ufma.br/polo), criada em 2000, e que, atualmente, está sendo reformulada para integrar o primeiro portal sobre saúde no Maranhão. A iniciativa tem o apoio do Ministério da Educação (MEC), da UFMA e do Hospital Universitário Presidente Dutra. O portal disponibilizará notícias, produção científica, *chats*, fóruns e cursos de capacitação a distância, voltados, principalmente, para os trabalhadores da área de saúde que atuam no interior do Estado, que possui 217 municípios.

A realização dos treinamentos é divulgada junto aos veículos de comunicação em todo o Estado, contando, também, com o apoio da Assessoria de Comunicação da UFMA e da Rádio Universidade FM. São acionadas as emissoras de TV (seis), a TV a cabo (Canal 20), sete estações de rádio (entre AM e FM), 10 jornais impressos e os portais de informação (Elo e Imirante).

Em seus dois anos de existência, os treinamentos do Pólo de Capacitação reuniram 7.165 profissionais de saúde. No primeiro ano, 1.406 indivíduos e no ano seguinte, alcançou 5.759 participantes. Neste período, a instituição fez parte do Plano de Intensificação das Ações de Combate à Malária (PIACM), se responsabilizando pela qualificação dos médicos, enfermeiros e técnicos. O objetivo foi diminuir o número de casos da doença no Maranhão. No ano de 2000,



foram notificados, no Estado, aproximadamente, 70 mil casos da doença. Em 2001, o Pólo iniciou os treinamentos, que contribuíram para a redução de 48% na incidência da malária. Foi produzido, também, um boletim informativo (*Pólo de Saúde da Família em ação contra as endemias*) sobre ações realizadas em convênios com outras instituições – UFMA, Gerência de Qualidade de Vida/Governo do Estado e a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

A tabela abaixo reúne o número de participantes das capacitações realizadas pelo Pólo.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 2000 E 2001

Oficina de pactuação de agenda coletiva QGV/UFMA	11
Oficina de articulação de atividades SEMUS/GQV/Pólo	21
Seminário de apresentação da estratégia de saúde da família	107
Oficinas pedagógicas	418
Treinamentos introdutórios	690
AIDPI	233
Saúde da mulher	29
Saúde do adulto	30
Saúde do idoso	20
Cursos para auxiliar de enfermagem	2.215
Sistema de Atenção Básica (SIAB)	275
Oficinas de residência multiprofissional em saúde da família	39
Curso de Especialização (concludentes)	35
Curso de Especialização (em andamento)	127
Módulos clínicos	2.208
Encontro Regional de Sensibilização para Estágio em Saúde da Família	118
Jornadas descentralizadas	128
Capacitação de Facilitadores (médicos e enfermeiros)	16
Capacitação de médicos e enfermeiros do PSF/PACS/Endemias	192
Capacitação de instrutores/Supervisores de laboratórios	14



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Capacitação de facilitadores/Agentes de controle vetorial	94
Capacitação de microcopistas	67
Capacitação de técnicos/SISMAL	78
TOTAL DE PARTICIPANTES	7.165

Após detalhar as atividades promovidas entre Coordenação Pedagógica e Assessoria de Comunicação, retomamos, agora, a reflexão do educador Paulo Freire sobre a necessidade de romper com as concepções e práticas que negam a compreensão da ação pedagógica. E, incluímos, neste contexto, a comunicação, como instrumento de transformação, do repensar procedimentos sedimentados e que não se adequam às exigências da sociedade e do mundo contemporâneo. Nas palavras desse educador, acreditar na utopia, problematizando e somando forças e não excluindo, isolando ou fragmentado a vivência dos sujeitos, é um dos principais passos para o comprometimento com a mudança. Esse convite é feito pelo Pólo de Capacitação aos profissionais e a todos que atuam na área da saúde. Perseverar nesta perspectiva é proporcionar qualidade de vida à população e fortalecer os laços entre aqueles que protagonizam as políticas públicas no País: *“A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica”* (Freire, 1996, p.81).

Enquanto o Pólo desenvolve suas atividades, a equipe do PSF da enfermeira Maria Gláucia continua seu trabalho em São José de Ribamar, todos os dias, num esforço contínuo e sistemático na tentativa de reverter os índices de saúde no Maranhão. O seu José Raimundo agradece todos os dias:

- *“Até logo, bom trabalho a todos vocês. Não desistam...”*

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia prático do Programa de Saúde da Família**. Brasília, 2001.

COSTA NETO, M. M. da (Org.). **A implantação da Unidade de Saúde da Família**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

D. JÚNIOR, W. **A nova mídia: a comunicação na era da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: [s. n.], 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Campinas: Papirus, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1999.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MELO, J. M. de; EPSTEIN, I.; SANCHES, C. *et al.* **Mídia e saúde.** Adamantina: UNESCO/UMESP, 2001.

MOURA, C. de M.; SILVA, D. C. **Ensinar e aprender:** faces de um processo de intensas descobertas. Disponível em <www.ufma.br/polo>. Acesso em 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WESLEY, J. O que fazer com a mídia ? In: FIGUEIREDO, Vera Lúcia F. (Org.). **Mídia e educação.** Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.